



O TEMPO E O ESPAÇO DO PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE DIZEM AS PROFESSORAS

LIÉSIA BUBOLZ RUTZ¹; JARBAS SANTOS VIEIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – liesiarutz18@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – jarbassantosvieira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Apresentamos aqui resultados parciais da pesquisa *Trabalho e Gênero: estudo sobre a relação entre trabalho docente e a saúde das professoras de Educação Infantil das escolas públicas municipais da região sul do Rio Grande do Sul (CNPq, 2016-2019)*. Neste resumo enfocamos o espaço e o tempo que as professoras de Educação Infantil dedicam ao planejamento de suas atividades educacionais com as crianças pequenas. Trata-se de uma análise de caráter qualitativo que se insere no campo de estudos sobre o processo de trabalho docente na área de Sociologia da Educação. Desta forma, buscamos (1) entender quando e em que local essas professoras planejam as atividades a serem desenvolvidas com as crianças e, (2) problematizar suas jornadas de trabalho para compreender como organizam tal planejamento.

Planejamento é o conceito central desta investigação, pois, além de organizar a ação pedagógica das professoras, sistematiza o trabalho a ser desenvolvido diminuindo a improvisação (THOMAZI e ASINELLI, 2009).

O planejamento é ato, é uma atividade que projeta, organiza e sistematiza o fazer docente no que diz respeito aos fins, meios, forma e conteúdo (...) o planejamento é uma ação reflexiva, viva, contínua. Uma atividade constante, permeada por um processo de avaliação e revisão sobre o que somos, fazemos e precisamos realizar para atingir nossos objetivos. É um ato decisório, portanto, político, pois nos exige escolhas, opções metodológicas e teóricas. Também é ético, uma vez que põe em questão ideias, valores, crenças e projetos que alimentam nossas práticas (FARIAS et. al., 2011, p. 111).

Além do planejamento, o conceito de gênero também é importante para esta análise, aqui entendido como construção cultural. Questionamos as representações tradicionais sobre trabalho de mulher, que “contribuem para que mulheres e homens se percebam eternizados em determinados comportamentos e atitudes, que são representados socialmente como parte da natureza feminina e masculina” (MEIRELES, 2019, p.32). Essa cristalização implica, para as professoras, “em uma sobrecarga de tarefas que não se resume somente ao espaço público, mas avança sobre o espaço privado” (MEIRELES, 2019, p.14).

2. METODOLOGIA

Nossa análise se vale de entrevistas com dezoito professoras de Educação Infantil de nove cidades do sul do Rio Grande do Sul¹, que participaram da pesquisa citada na Introdução deste resumo. Essas entrevistas

¹ Canguçu, Capão do Leão, Pinheiro Machado, Pedro Osório, Arroio Grande, Santana da Boa Vista, São Lourenço do Sul, Turuçu.



foram reanalisadas focando sobre o espaço e o tempo de planejamento dessas professoras em seus processos de trabalho, considerando tanto a extensa jornada de trabalho dessas mulheres quanto a estrutura das relações de gênero.

A análise lançou mão de uma grade de categorização dos discursos das professoras, a qual permitiu a aproximação de sentidos e de significados do planejamento nas suas falas. Este procedimento teórico-metodológico tem como base a concepção de discurso em FOUCAULT (1986). Nesta concepção, os discursos “não são, (...) um puro e simples entrecruzamento de coisas e palavras” (Idem, ibidem, p. 55); eles formam objetos, produzem realidade. ESLABÃO (2011, p. 54), destaca que “a análise do discurso institui a linguagem como um instrumento capaz de fazer coisas”.

GRACIA (2005) destaca que tudo que se faz com a linguagem são atos com efeitos performativos: “a linguagem não só nos diz como é o mundo, ela também o institui; e não se limita a refletir as coisas do mundo, também atua sobre elas, participando de sua constituição” (GRACIA, 2005, p. 39). Nesse sentido, as professoras, ao falarem sobre seu processo de trabalho e sobre o tempo e o espaço dedicado ao planejamento de suas atividades, produzem enunciados que instituem uma concepção de educação e uma prática do fazer docente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A discussão sobre planejamento precisa considerar o contexto de trabalho das professoras, assim, a partir da análise das entrevistas, foi possível perceber as precárias condições de trabalho experimentadas em quase todas as escolas, tais como: carência de material didático e de higiene, estrutura física inadequada, falta de apoio das secretarias de educação, ausência de atendimento especializado e pouco apoio das famílias das crianças ao trabalho das professoras. Carências estas, muitas vezes, solucionadas pelas professoras, que usam do seu próprio salário para sanar os problemas e as faltas que acometem diariamente o seu trabalho, como pode ser lido nestes excertos: “a gente não tem nada, a gente troca fralda assim sem luva; a gente traz desde o sabonete de casa pra gente lavar a mão” (PPM1)²; “tinham momentos que do nosso dinheiro nós tínhamos que comprar material” (PC1).

A estrutura física também influencia diretamente no trabalho e nas atividades educativas. As professoras reclamam que o espaço das salas de aula é, muitas vezes, inadequado, tendo em vista que as crianças precisam se comunicar através de expressões e movimentos: “Tem [muita] gente numa sala de aula que é o tamanho daquela mesa ali (...). Eu não tenho condições de fazer uma dança, uma expressão corporal, uma brincadeira dentro da sala de aula (...). Tu vais reclamar pra quem?” (PCL1).

A falta de apoio das secretarias – indicada em todas as entrevistas – está vinculada tanto aos problemas de infraestrutura quanto ao fato de que não é oferecido nenhum tipo de suporte às professoras, como atendimento especializado às crianças que necessitam de uma atenção diferenciada, cursos de formação para que, de fato, as docentes tenham condições adequadas de inserir todas as crianças dentro do processo educativo. Outra falta elencada se

² Os nomes das professoras foram substituídos por códigos.



dá em relação ao apoio das famílias, as quais, segundo as professoras, não participam da vida escolar dos filhos. Com efeito, existe uma falta sob duas dimensões: institucional e familiar, como aparece neste excerto: “Aí a gente agenda consultas [com a psicóloga], encaminha e leva meio ano pra conseguir. (...) A gente até encaminha, (...) só que sozinhos a gente não consegue. (...) recorre à família, a família não te dá suporte” (PPM2).

Somado aos elementos de contexto, as entrevistas permitiram perceber que o tempo e o espaço destinado ao planejamento é insuficiente, como é exemplificado neste excerto: “a gente não tem tempo de nos reunir muitas vezes, entendeu? Porque o aluno nos chega [às] oito horas e ele sai ao meio dia; ele chega a uma e sai às cinco, e aí a gente não tem..., é assim, um intervalinho a gente conversa” (PCL2).

A falta ou insuficiência de tempo atinge diretamente a vida dessas professoras. Após terminarem a jornada de trabalho nas escolas, levam inúmeras tarefas para serem realizadas em casa. Além disso, o fato de serem mulheres e mães acarreta uma dupla jornada de trabalho, pois, ao chegarem em casa, começam a segunda jornada, com o cuidado da casa e dos filhos e filhas. E, na sequência, ainda dão continuidade às tarefas da escola para o dia seguinte: “eu chego em casa e aí eu paro, primeiro organizo a minha filha, o que que ela fez no colégio, vou fazer o tema; aí umas oito horas dou banho, dou janta e, depois, eu continuo preparando aula para o outro dia, (...), e aí eu vou dormir, às vezes uma hora da manhã” (PPM1).

A insuficiência de tempo e de espaço adequado para o planejamento dentro da jornada de trabalho escolar, embora conste no contrato em todos os municípios, faz com que essas mulheres desenvolvam atividades para as crianças em suas casas, com recursos próprios e de forma solitária. Isso provoca, entre outras coisas, uma confusão de papéis sociais entre ser mãe e ser professora. A extensão das atividades da escola para casa, e da casa para a escola, atinge a qualidade do planejamento. Além do cansaço pela extensa jornada de trabalho e da confusão de papéis que produz, a inovação de atividades, bem como a avaliação e revisão do trabalho pedagógico, torna-se comprometida.

4. CONCLUSÕES

Tudo que foi analisado na seção anterior acarreta a precariedade do trabalho docente e influencia a qualidade do planejamento. O planejamento do ensino, entendido como uma ferramenta de organização do trabalho pedagógico pensado e sistematizado, aliado a condições intencionais e políticas, auxilia na condução das atividades a serem realizadas com as crianças. E mesmo que o planejamento não possa ser visto de maneira estática – pois a imprevisibilidade do encontro com as crianças exige das professoras a necessidade de tomar novas decisões no decorrer do encontro educativo –, sua importância é indiscutível, haja vista que não existe ato educativo fora de objetivos a serem alcançados.

Contudo, percebe-se que o tempo oficial oferecido às professoras para se dedicarem ao planejamento é insuficiente, e, assim, as tarefas de organização e elaboração da educação escolar são levadas para dentro de suas casas, o que afeta na qualidade das atividades a serem desenvolvidas em ambos ambientes.



A partir das entrevistas, constatamos que após a extensa jornada de trabalho dentro das escolas, ao chegarem em casa, as professoras iniciam uma segunda jornada, com o cuidado do lar e dos filhos e filhas. Posteriormente a isso, o tempo que resta é dedicado a preparação de atividades escolares para o dia seguinte. Os discursos das professoras – em todas as entrevistas –, mostram como o trabalho doméstico é naturalizado como trabalho de mulher, contribuindo para uma sobrecarga de trabalho.

Esses dados são preocupantes, pois revelam como o planejamento educacional tem sido elaborado por essas professoras, marcado pela falta de tempo e de espaço adequado para ser desenvolvido com qualidade. Isto mostra ainda a invisibilidade das atividades desempenhadas fora da sala de aula pelas políticas públicas. Ainda na conjuntura atual prevalece uma ideia equivocada de que a professora (ou o professor) só trabalha quando está em sala de aula, não levando em consideração a dimensão do trabalho docente na esfera da elaboração e preparação de suas atividades.

Reiteramos a importância do planejamento do ensino para a condução e organização do trabalho docente, e, também, a necessidade de espaço e de tempo adequados – dentro da jornada de trabalho escolar – para a sua total efetivação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ESLABÃO, L.C. **PROEJA: um dispositivo da governamentalidade produzindo posições de sujeito**. Tese – (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, 2011.

FARIAS, I.M.S.; SALES, J.O.C.B.; BRAGA, M.M.S.C.; FRANÇA, M.S.L.M. O planejamento da prática docente. In: FARIAS, I.M.S.; SALES, J.O.C.B.; BRAGA, M.M.S.C.; FRANÇA, M.S.L.M. (Orgs.) **Didática e docência aprendendo a profissão**. Brasília, Liber livros, 2011. Cap. 4, p. 107-135.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

GRACIA, T.I. O giro lingüístico In: IÑIGUEZ, Lupicínio (coord.). **Manual de análise do discurso em ciências sociais**. 2. Ed. Tradução de Vera Lúcia Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p. 19-49.

MEIRELES, J.B. **Trabalho, saúde e gênero das professoras de Educação Infantil da Região Sul do Rio Grande do Sul**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas.

THOMAZI, Á.R.G.; ASINELLI, T.M.T. Prática docente: considerações sobre o planejamento das atividades pedagógicas. **Educar**, Curitiba, n. 35, p. 181-195, 2009.